



STARCRRAFT
HEART OF THE SWARM



Transportadora

Por Michael Kogge

Koramund — os protoss batizaram a transportadora de a "grande maravilha" de sua classe, e para Iaalu, o terceiro engenheiro da nave, não poderia haver nome mais acertado. A elegância de suas curvas era inegável; as placas brilhantes do casco foram moldadas meticulosamente por artesãos khalai, trazendo à memória de Iaalu os Montes Shrekar, no norte de Aiur. Havia também a força única nos condutos de energia que, desafiando qualquer explicação racional, impulsionava os sistemas do núcleo para além das especificações, especialmente diante de desafios extraordinários. E Iaalu se orgulhava do fato de que os hangares e polos de manufatura que supervisionava produziam os interceptores com melhor desempenho em batalha da frota — era comum contarem o dobro ou o triplo de abates das outras transportadoras.

Mas verdadeiramente *Koramund* fazia jus ao nome num glorioso recorde que poucas naves eram capazes de igualar. Durante seus séculos de serviço, ela tinha estabelecido mais colônias que qualquer nave desde a Era da Discórdia e, ao mesmo tempo, liderara ataques em incontáveis frentes de batalha. Assim que a detectavam, os inimigos batiam em retirada por medo de seu interceptores, tão difundida era a lenda da *Koramund*. Quando os nefastos zergs atacaram em Aiur, o próprio Tassadar solicitou que a transportadora lutasse lado a lado com sua nau capitânia, a *Gantrithor*, o que ela fez com honra e glória até o fim. Mesmo com a implantação das destruidoras novas, supostamente mais eficientes, a reverência dos protoss pela *Koramund* impediu a Grande Frota de aposentá-la como faziam às outras transportadoras que passavam por suas fileiras. A *Koramund* era, para Iaalu e milhões de outros protoss, um símbolo poderoso da perenidade da velha Aiur.

Agora o símbolo estava ameaçado. A *Koramund* afundaria rumo a uma morte infernal no planeta Vanass com zergs em seu encalço, a menos que Iaalu conseguisse restaurar os motores. E rápido.

— Onde, em nome de Khas, está você?— ganiu Tenzaal, a templária que cuidava dos motores em batalha. Como sempre, a agudez da voz de sua mente arrepiou a pele de Iaalu. Todos ficariam felizes se ela pudesse abaixar a...

— O que foi isso?

— Nada, templária — respondeu Iaalu. Ele tinha que tomar cuidado com seus pensamentos; o link psiônico do capacete estava ajustado com a sensibilidade no máximo para permitir a comunicação em meio ao ruído mental da batalha. — Agora estou no túnel de acesso do motor, subindo para a junção. A qualquer momento chego ao centro de transmissão.

— Rápido! Os escudos estão falhando, e nós só temos um...

A nave girava e sacudia, fustigada por pequenas explosões. Iaalu agarrou-se à escada com as duas mãos, tentando não se perder na gravidade zero. As sirenes retiniam em alerta máximo.

— Os interceptores se foram! Peste morfética no casco, zergs avançando pela ponte...

Como se tivesse sido cortada por um lâmina psíquica, a voz de Tenzaal se extinguiu.

— Templária?

Ele ajustou o link. Interferências cósmicas às vezes derrubavam a comunicação. Mas a leitura do capacete registrava um pico na receptividade.

Iaalu então tentou usar a mente, sabendo que, dadas suas parcas habilidades psiônicas, provavelmente seria inútil. Como membro da casta Khalai, ele não possuía o robusto treinamento mental necessário para captar muito além de suas proximidades.

Terceiro engenheiro para ponte de comando, por favor, respondam. Terceiro engenheiro para comando, por favor...

Houve resposta: uma onda súbita de agonia tão intensa que queimou os capacitores no link psiônico e inundou sua mente de dor. Ele enlaçou a escada com a perna para

impedir que o choque o atirasse túnel abaixo.

Uhn dara ma'nakai; uhn dara ma'nakai. Ele repetia um mantra Khalani que aprendera muito tempo atrás e acabara se tornando um alento em situações extremas. *Uhn dara ma'nakai. Nosso dever é interminável.* Era a única coisa capaz de impedir que sua mente entrasse em colapso.

Uhn dara ma'nakai... Uhn dara ma'nakai. Gradualmente, a cacofonia retrocedeu e sua mente pôde se apaziguar até chegar a um padrão de normalidade que lhe permitisse compreender o que houvera.

Mortos. Deviam estar todos mortos. A pretora. Sua equipe de comando. Tenzaal. Os zergs deviam ter invadido a ponte e massacrado toda a tripulação. Não havia outra explicação para um pico psiônico daquela magnitude. Nada explicava a angústia que ele sentira. Suas vozes foram arrancadas do Khala; era muita sorte estar vivo em meio ao tormento que os destruíra.

Aquela carnificina não devia ter acontecido. O comando da frota havia convocado a *Koramund* para emprestar seu poder de fogo às forças protoss envolvidas numa batalha violenta contra os zergs. Mas na viagem até o front, a *Koramund* captou um pedido de socorro do que todos acreditavam ser uma colônia abandonada no longínquo planeta de Vanass.

O pedido de socorro era um embuste; a *Koramund* saiu da transdobra direto no coração de um enxame zerg. Recuar não era uma opção. Minutos após o início do ataque, não apenas os compensadores de gravidade da *Koramund* estavam destruídos, como o transmissor do motor misteriosamente parara de funcionar, tornando a nave um lômbado à mercê dos zergs. Iaalu e sua equipe correram para preparar os caças enquanto corruptores zergs e mutaliscas atacavam a transportadora impiedosamente, demolindo os conveses a estibordo. Metade da tripulação pereceu no ataque, inclusive o primeiro e o segundo engenheiros.

A hierarquia apontava Iaalu como o próximo a consertar os motores. Tenzaal ordenou que fosse até o túnel de acesso ao motor, deixando o lançamento dos interceptores da *Koramund* com seu subordinado, Sacopo. Pouco importava que a experiência de Iaalu com matrizes de cristal e transmissores de energia fosse medíocre na melhor das hipóteses. Não havia mais nenhum engenheiro vivo que conhecesse a transportadora melhor que ele.

O dano causado ao link psiônico agravava a situação. A perda o impediria de se comunicar com a tripulação caso alguém mais tivesse sobrevivido. O destino da *Koramund* agora estava em suas mãos, só em suas mãos, o terceiro engenheiro.

Iaalu expulsou de sua mente os últimos ecos do guinchado fatal. Depois, fez a única coisa que podia para se aproximar mais depressa da matriz transmissora: abandonou a subida, empurrando a parede com as pernas para se impulsionar para a frente.

A ausência de gravidade trazia suas próprias dificuldades. Um erro ou um estremecimento súbito no túnel, e ele estaria flutuando de costas. Era preciso ter cuidado.

Involuntariamente, o ataque zerg o propeliu. As explosões que castigavam o casco — peste morféctica, ele suspeitava — aceleraram seu corpo na direção certa. Aproximando-se da junção, ele agarrou a escada com as duas mãos. Suas pernas foram atiradas para a frente pela inércia, e depois de algumas manobras, ele fez a curva acentuada, avançando pelo túnel rumo à matriz transmissora de cristal.

Ou rumo ao ponto onde deveria estar a matriz.

Não havia luz no fim do túnel. Nenhum brilho pálido azul, nem sinal do cristal que deveria estar lá. Nada além de escuridão.

Impossível. A pretora Quordas dissera que a matriz estava lá, e ele havia acreditado nela. Ela não era apenas a comandante da transportadora, mas também uma templária da mais alta ordem, capaz de sentir a presença de coisas para as quais ele, um khalai, era cego. O Khala fornecia-lhe um discernimento que ele jamais teria.

Ele se chocou contra parede que abrigava o centro de transmissão e agarrou os apoios para não ser repelido pela força do impacto. Seu corpo inteiro estava esticado, dos pés à ponta dos dedos, e por um instante ele sentiu que os braços estavam prestes a se rasgar. Mas eles aguentaram, e Iaalu conseguiu avançar para o centro de transmissão.

Uma vez em segurança, ele ativou as luzes no topo do capacete para inspecionar os componentes do centro de transmissão. Os sensores de pressão piscaram com o movimento de seu braço. O protoss verificou os oito cabos que desempenhavam a tarefa. Com um toque no conduto principal, ele pôde sentir um pulso, e a energia nas várias linhas de purga causou um leve formigamento. Estava tudo certo, aparentemente em perfeito funcionamento, com uma única exceção: a matriz de cristal que conectava os cabos ao conduto não estava lá.

Será que a pretora Quordas estava errada?

Iaalu repeliu o pensamento, contente pelo link psiônico não estar operacional. Nutrir tais sentimentos equivalia a traição. Ele tinha que se concentrar no problema em suas mãos. Era essa sua função como engenheiro e khalai.

Ele avaliou suas opções. A energia não fluiria para o motor sem uma matriz especialmente harmonizada, mas construir uma nova estava fora de questão. Ele não tinha tempo nem habilidade psiônica para mapear os percursos cristalinos de uma matriz de motor. Era possível que conseguisse improvisar algo com os cabos, talvez desconectar os obstrutores e enfiar os transmissores no conduto principal. Mas isso forneceria apenas uma explosão de energia, depois fritaria tudo.

Não, ele precisava da matriz. Se quisesse salvar sua querida *Koramund* de uma queda em Vanass, ele teria que agir *agora*. Mas aonde ela poderia ter ido? Se o cristal estivesse quebrado, ele teria encontrado estilhaços. Por outro lado, se tivesse sido tirado do centro de transmissão, o registro da nave exibido no visor do capacete mostraria sua passagem pela escotilha de acesso.

Isto é, a menos que alguém — ou algo — tivesse entrado no túnel de outra maneira.

Iaalu virou as luzes do capacete para o túnel. Nada além da escada na parede. Em seguida, fez uma varredura em busca de fontes de calor ou sinais de vida. Mais uma vez, todos os dados apontavam...

Um ponto vermelho surgiu na tela holográfica, indicando movimento acima dele. Iaalu se virou e teve que jogar o corpo para trás a fim de evitar as mandíbulas reluzentes armadas de lâminas que se fecharam perto demais. As luzes potentes do capacete salvaram sua vida; o agressor recuou diante do fecho iluminado, guinchando e sibilando.

Ele vira aquela raça de zergs diversas vezes em sua formação, mas a mutalisca era infinitamente mais horrenda de perto. Uma perversão ensandecida de dentes e garras, dotada de um par de asas de couro e oito olhos medonhos que emitiam um brilho alaranjado e doentio. Espinhos irrompiam das escamas do corpo colubrino e terminavam numa segunda abertura espinhosa, uma cloaca. O orifício gotejava e excretava massas agitadas de carne laminosa — a peste morfética.

Iaalu se esquivou. Os vermes pestilentos atacaram a parede às suas costas, e quando a explosão o lançou no ar, ele tentou se agarrar a qualquer coisa que desacelerasse a queda livre. Sem conseguir se prender à escada, suas mãos agarraram a única coisa ao alcance: a asa da mutalisca.

A criatura se contorceu, tentando sem sucesso se livrar do passageiro. Enquanto o monstro guinchava e sacolejava os espinhos para exprimir sua frustração, Iaalu entreviu um estranho brilho em seu pescoço, pálido e azulado. E o reconheceu imediatamente. O brilho da matriz transmissora de cristal.

De alguma maneira, a mutalisca havia passado pelos interceptores e coleado para dentro do túnel da transportadora. E apesar da crença de que eram uma raça descerebrada de zergs, esta tivera inteligência — ou fome — o suficiente para engolir a matriz cristalina.

Qualquer que fosse a razão, ele agora tinha uma chance. Se conseguisse recuperar a matriz da garganta da criatura, talvez pudesse reativar os motores da *Koramund* e sair dali com a nave.

A transportadora sacudiu de novo, desta vez com tanta força que tanto Iaalu quanto a mutalisca foram atirados violentamente contra o centro de transmissão. Iaalu estava preso à asa do monstro e tudo à sua volta girava. A mutalisca rodopiava, gritando de dor, atirando sua peste morféctica em todas as direções. Os vermes se cravavam nas paredes rapidamente, *bum bam bum*, e as explosões combinadas abriam imensos buracos no casco. O túnel foi inundando pela claridade — não o brilho suave de bilhões de estrelas, mas a luz do sol.

Em meio à balbúrdia, Iaalu pensou ter visto continentes e oceanos lá embaixo. A *Koramund* devia estar atravessando as nuvens de Vanass. A queda era iminente.

Iaalu não tinha a habilidade em combate de um fanático, e suas garras estavam embotadas devido a anos de desuso. Mas sua mente era a de um engenheiro, treinada para avaliar e corrigir situações com o ferramental disponível. Talvez a única ferramenta de que precisasse estivesse em suas mãos.

Ele tirou uma das mãos da asa e quase soltou quando um corredor de turbulência atmosférica sacudiu a transportadora. Porém, com os dedos encaixados em um osso da criatura, conseguiu escalar a asa e encaixar com precisão um chute na região média da boca na traseira.

A criatura berrou e girou a cloaca, de onde um verme pestilento despontava por entre as rugosidades do esfíncter. Agora, sem a proteção da asa da mutalisca, nada protegia Iaalu do pavoroso apêndice.

Era o momento pelo qual esperava. Sua mão soltou o osso e ele saltou no exato instante em que o verme avançou em sua direção, acertando precisamente o local em que estivera.

Iaalu aprendera no treinamento que a peste morféctica nada mais era que uma máquina orgânica. Seu único propósito, o objetivo que a propelia, era atravessar a carne de seus alvos, explodindo em fragmentos com o impacto. Esse era um resumo da existência de um daqueles vermes, o resultado do meticuloso aperfeiçoamento zerg, que culminavam em um ciclo de vida peculiar. O útero da mutalisca modificava geneticamente cada verme para alcançar a maturidade no instante da colisão com seu alvo final, causando o máximo de dano.

Este em particular viveu alguns momentos mais do que o planejado. Enquanto cruzava o espaço que Iaalu havia ocupado, ele amadureceu para o verde brilhante da etapa adulta, pronto para a detonação, mas sem poder cerebral para alterar sua trajetória e encontrar o alvo pretendido. Depois de varar o couro fino da asa da mutalisca, o verme prosseguiu com seu ciclo de vida, amadurecendo para o verde esmeraldino da meia-idade, depois murchando para o víride da senescência e, finalmente, explodindo o abdome da mutalisca.

Os oito olhos do monstro se abriram com fúria infernal quando o verme encontrou seu destino. Desprovida de consciência, a pequena máquina orgânica não fazia ideia de que estava entocada na própria mãe, resumindo-se a cumprir seu propósito de devastar o que estivesse no caminho no momento do choque. De uma boca farpada até a outra.

A explosão lançou Iaalu de volta no centro de transmissão. Agitando os braços, ele se enlaçou num cabo para não ser repellido novamente. Mas isso não o impediu de ficar coberto de sangue de mutalisca. O fluido ácido e abjeto neutralizou seu escudos defensivos e começou a corroer seu traje antirradiação. Iaalu rapidamente abriu a proteção frontal e se contorceu para fora da armadura, usando a vestimenta interna para limpar o líquido viscoso da capacete.

Um brilho azulado sorriu para ele. Flutuando como uma anã azul entre constelações de gotas de sangue, lá estava a matriz cristalina.

Iaalu enfiou a mão na nuvem rubra e agarrou o cristal sem considerar o risco ao qual

se expunha. O ácido chiou ao tocar sua pele, penetrando até a carne. Seus músculos cozinham; as células vaporizavam-se. A agonia era excruciante. *Uhn dara ma'nakai. Uhn dara ma'nakai.* Se conseguisse ativar os motores, seu sofrimento não duraria. Sem um traje antirradiação, os íons que saltavam de um lado para o outro lhe dariam o descanso eterno.

A gravidade do planeta por fim prevaleceu e desestabilizou a transportadora, que começou a mergulhar em parafuso. Os oceanos sumiram da vista pelas fendas no casco, e Iaalu pôde ver as copas cônicas das florestas de árvores baleh. Ele tinha pouco tempo até que a *Koramund* caísse.

Uhn dara ma'nakai.

Ele reiniciou os sensores de pressão, sonhando com as Colinas Shreka refletidas nas curvas da transportadora. Em seguida ajustou os transmissores no cristal no mesmo padrão octogonal usado para conectar os transmissores dos interceptores da nave. Depois, encravou o conduto principal no centro do cristal, balbuciando o mantra para a força que sabia — ou esperava — encontrar nos cabos.

E encontrou. O cristal reluziu em azul quando a energia percorreu a matriz. Segundos depois, os motores começaram a gorgolejar de volta à vida. Iaalu, por sua vez, esperava a morte inevitável, antevendo a chuva de íons.

E ela nunca veio.

Sem aviso, os transmissores se soltaram; vários estalaram; o zumbido do motor morreu; e a matriz cristalina se estilhaçou, cobrindo Iaalu não com íons, mas com fragmentos.

O khalai caiu de costas sobre o emaranhado de cabos quando a *Koramund*, a grande maravilha protoss, afundou no dossel da floresta de Vanass, tornando-se outro fantasma do desespero da raça.

De acordo com os ensinamentos de Khas, a luz — radiante, revigorante, abençoada — preencheria os comungantes entrando no estágio final da vida presente e iluminaria o início da próxima.

Iaalu acordou imerso em escuridão. Escuridão e dor. Uma dor lancinante.

Ao tentar se mover, sua pele rachou-se. Correntes de ar rodopiavam sobre o peito e queimavam como línguas flamejantes. A mão direita tremia. O pé esquerdo doía. Órgãos que ele nem sabia que existiam anunciavam-se em ímpetos torturantes. Era como se seu corpo tivesse sido queimado de dentro para fora.

Nada podia estar mais distante da bênção das promessas de Khas. Talvez ele tivesse caído no Vazio ou...

Estaria vivo?

Imagens, memórias, pesadelos retornaram. O túnel. A mutalisca. O sangue.

Ele deveria estar morto.

Por alguma razão, ele não estava. De alguma maneira, ele sobrevivera. Em carne viva, destituído, meio consumido pelo ácido, mas vivo.

Como?

O capacete. A blindagem havia protegido seu cérebro e seus nervos de serem liquefeitos. Mas só o capacete não poderia tê-lo salvo de...

O acidente. Não era para ele ter sobrevivido. Era inconcebível que uma nave despencasse da órbita em velocidade terminal e suportasse uma colisão planetária. Mesmo para transportadoras exaltadas e especiais como a *Koramund*. Nave e tripulação deveriam

ter perecido entre os escombros ardentes. Ele deveria ter se transformado em cinzas.

Deveria. A incineração teria sido um destino muito mais misericordioso do que o seu estado atual, queimado por ácido zerg e sedento de luz.

Ele estudou a escuridão, na esperança de que a visão fosse se ajustar. Até mesmo um único facho de luz elevaria seu espírito e aliviaria parte da dor. A luz era a essência dos protoss. Era a luz que lhes dava sabedoria e energia. Era a luz que lhes dava vida.

O breu era total. Logo a sede o enlouqueceria, se já não estivesse louco.

O capacete — ele gerava luz. Com um pensamento, Iaalu ativou os holofotes. A exibição da leitura holográfica falhou, mas as luzes crepitaram e, depois, se firmaram, e ele absorveu cada fóton que podia como se fosse água.

Iaalu percebeu que cabos o mantinham acima do centro de transmissão, com o túnel de acesso ao motor acima de sua cabeça. O impacto havia virado a transportadora, mas a estrutura da nave continuava quase intacta. Galhos espessos de árvores baleh se enfiaram pelos buracos no casco e cobriram a escada com cones repletos de brotos.

Será que as árvores contiveram o impacto? Ou era algum tipo de alucinação?

Usando a mente, ele procurou outras presenças no Khala. Embora seu talento psiônico fosse limitado, reduzido ainda mais pela dor, ele conseguiria obter ao menos uma impressão geral da condição da tripulação.

Nada. Nem um eco. Nem sequer um chiado, nem uma sensação primordial de vida. O Khala estava quieto e escuro.

Os corações de Iaalu ficaram pesados. Talvez ele fosse o único sobrevivente.

Imóvel, ele refletiu sobre seu destino por horas, talvez dias; era difícil saber no estado em que estava. Poderia ter permanecido lá e esperado pelo retorno da morte, não

fosse por um formigamento.

Era tão sutil que o protoss mal percebeu. A sensação percorreu seu braço esquerdo, repousado sobre o conduto de energia principal, e retornava em intervalos marcados por um ritmo, sem a dor da queimadura de ácido.

Uma palpitação. Um pulso fluía pelo conduto. Fraco e desvanecente. Mas ele estava lá. Havia energia nesta linha. A força da *Koramund* não estava morta. Não ainda.

Era preciso fazer algo. Ele amava a *Koramund* mais que qualquer outra coisa. A transportadora lhe dera uma carreira e a oportunidade de fazer parte de uma lenda. Talvez ele pudesse impedir que ela fosse tomada pelas árvores baleh ou salvá-la do apodrecimento fúngico dos infestadores que viriam fazer seus ninhos. Talvez encontrasse uma maneira de ativar os motores. Sua dever para com a transportadora e sua tripulação, se ainda houvesse alguém vivo, era fazer o que pudesse, a despeito de quão remotas fossem as chances de sucesso.

Com grande esforço, ele reuniu forças para se soltar dos fios do transmissor e ficar de pé. A pele rachada caía em lascas, exibindo a carne macia que havia embaixo. Porém, quando apertou o conduto e sentiu o coração da *Koramund* pulsar, mesmo fraco, Iaalu esqueceu um pouco a dor.

Agarrou um galho de baleh e começou a subir pelo túnel.

O peso da gravidade tornava a subida quase intolerável. Era impossível flutuar ou se propelar na direção certa como fizera quando a nave estava em órbita. Ele tinha que subir usando a escada e as árvores. Os galhos irregulares irritavam-lhe as palmas queimadas. As camadas epidérmicas caíam toda vez que ele se esticava em busca de uma área da escada que pudesse utilizar. O que restava de sua pele se desfazia. Sem querer olhar, ele sabia que o ácido havia arrancado tudo, deixando apenas a carne.

Uhn dara ma'nakai. As palavras simplesmente surgiram. Instintivamente. *Uhn dara ma'nakai.*

Iaalu se lembrava da primeira vez que as ouvira. Elas foram ditas por Rimmicu, um templário que ele ajudara em seus primeiros anos de serviço. Não contentes em dizimar toda a unidade de Rimmicu, os zergnídeos também arrancaram seus membros. Ainda assim, o templário não permitiu que a dor o impedisse de cumprir sua tarefa. Ele a canalizou em força de vontade, transformando-a no músculo que pilotaria a aeroplataforma que Iaalu montara com partes de interceptores.

Uhn dara ma'nakai. Rimmicu tinha tanta fé nas palavras que desafiou o Comando e voltou ao campo de batalha onde tanto perdera. Num ímpeto de vingança, o templário caçou e matou todos os zergs que encontrou, e por fim encontrou a própria morte entre os dentes de uma rainha zerg.

Uhn dara ma'nakai. "Nosso dever é eterno", entoava Rimmicu.

Iaalu não tinha a força nem a disciplina do templário. Ele era incapaz de converter sua desgraça em munição para usar em combate. Como engenheiro, suas habilidades eram outras. Seu talento era com ferramentas, não armas, e era assim que dominaria a dor. O desafio era convertê-la em ferramenta e usá-la como motivação, como força motriz. Lembrar-se da sorte que era sentir dor e estar entre os vivos.

Chegou à junção do túnel e subiu pela borda. Depois de um breve descanso, levantou-se.

A queda tombara aquela parte do túnel em sentido horizontal. Não era preciso escalar; ele poderia andar. Ou claudicar. Suas pernas se negavam a andar mais rápido.

Quando abriu a escotilha e viu o horror que o aguardava, Iaalu desejou que as pernas tivessem renunciado a qualquer movimento.

Havia cadáveres e pedaços de corpos espalhados por todos os corredores. Cabeças, membros e torsos em diferentes estados de mutilação e putrefação. Muitos eram seus amigos, amigos queridos, agora mortos, sobreviventes do acidente, mas não do que se seguiria.

Era obra dos zergs. Seus dentes e garras deixaram marcas em tudo que não devoraram. Espinhos prendiam braços e pernas às paredes. Órgãos vomitados exibiam as manchas da digestão. A preferência dos zergs por cordões nervosos era notável — todos foram arrancados dos crânios protoss que Iaalu viu. Talvez eles os considerassem uma iguaria.

Iaalu torceu nervosamente os próprios cordões. O barbarismo dos zergs explicava por que os ecos dos companheiros mortos não o alcançaram. Suas mentes foram decepadas do Khala. Ele orou para que uma nova vida de bênçãos chegasse logo a eles.

Veza ou outra uma carcaça de zergnídeo jazia junto aos corpos, exibindo sinais de eletrocussão psiônica ou de uma surra brutal. E como eram repulsivas ao vivo. Ofendiam seu senso estético. As foices que saltavam do pescoço eram mal-ajambradas, como se tivessem sido arrancadas de um organismo muito maior e enxertadas nos zergnídeos. Era este o princípio da mutação zerg: incorporar as partes mais horrendas de diferentes espécies para criar algo ainda mais terrível. Nessa evolução doentia, os zergnídeos eram uma espécie de apogeu. Era repugnante.

Onde tinham ido parar os outros zergnídeos, Iaalu não sabia dizer. Depois de estraçalharem a tripulação, provavelmente os zergs abandonaram a nave. Era sua esperança. Dificilmente ele conseguiria acabar com um zergnídeo sozinho, especialmente na condição em que estava.

O que mais o perturbava era o fato de, entre os mortos, não haver um único membro da casta dos Templários. Todos eram khalai — engenheiros, cientistas, médicos e

mecânicos —, aparentemente abandonados à própria sorte. Os zergs abatidos eram um testemunho da bravura e da engenhosidade dos khalai. A coragem que demonstraram diante de uma situação tão adversa fez crescer em Iaalu a determinação para sair de Vanass com a *Koramund*. Os outros protoss precisavam saber da bravura dos khalai.

Quanto aos templários, pouco importava se fossem esquecidos. Eles se comprometeram a proteger os khalai com as próprias vidas, mas não havia nenhuma evidência de que houvessem ao menos tentado ajudar seus colegas e amigos a se defender.

Tomado pela fúria, arrastando a perna, Iaalu rumou para as câmaras de meditação.

As raízes de sammuro abafavam o som dos passos de Iaalu. A ala era coberta por elas, para que a meditação dos fanáticos e outros templários nas câmaras adiante não fosse interrompida. Quando não estavam em combate ou desempenhando funções relacionadas, os templários vinham para aquela área da transportadora se exercitar, descansar e harmonizar seus corpos e mentes com o Khala.

Era ali que a maioria deles provavelmente morreria.

Ele precipitara-se ao questionar a lealdade dos templários. O corredor principal das câmaras de meditação dava numa pilha de escombros coberta por partes de um fanático. As passagens adjacentes também foram demolidas. Os zergs não se infiltraram apenas nos motores da embarcação; destruíram também os níveis que abrigavam os guerreiros protoss.

Parecia mais que uma emboscada fortuita dos zergs. A distribuição interna das transportadoras variava, refletindo a criatividade da equipe de design. Para os corruptores terem encontrado as câmaras de meditação tão imediatamente, deviam ter um amplo conhecimento da *Koramund*. Será que alguém da tripulação os informara?

Ele não fazia ideia do que suas suspeitas implicavam, mas Iaalu não se sentia confortável com elas. Ele era um engenheiro; seu trabalho era lidar com circuitos convolutos e cabos defeituosos, não com as tramas nefastas dos zergs. Já julgara errado os templários. Talvez a apreensão que sentia fosse um sinal de que estava perdendo a sanidade. Talvez fosse a síndrome do sobrevivente. Algum tipo de trauma emocional pela selvageria que seus olhos vislumbraram.

Iaalu pousou a mão sobre um cabo para se apoiar. O pulso anêmico da *Koramund* o confortou. Ele não estava sozinho. A *Koramund* estava viva com ele. O coração ainda batendo era prova.

Mas onde estava seu coração? Onde estava a força única que a nutria com vida? Se ele encontrasse, talvez pudesse recuperar os motores.

O khalai estendeu os dedos, tentando sentir o fluxo da corrente. O pulso parecia apontar para o transmissor do motor. Deslizando a mão sobre o conduto, ele seguiu na direção oposta, tentando rastrear a fonte da pulsação.

Sua mente se tranquilizou quando o conduto o guiou até o hangar principal. Apesar de o pulso emanar de outro ponto da nave, Iaalu passou alguns instantes examinando o hangar — *seu* hangar —, talvez pela última vez.

Ele conhecia cada canto e cada fenda do lugar, cada ferramenta em cada parede, cada arranhão nos painéis e a quantidade de giros de cada parafuso. Sem olhar, era capaz de pegar o medidor certo para a chave fásica entre milhares na bancada e conseguia comprimir a mangueira de vespeno o suficiente para dobrar a capacidade dos tanques de combustível com espaço de sobra.

O alojamento ficava na ala do quartel, mas o hangar era seu verdadeiro lar; era onde passava todo o tempo, construindo e consertando seu maior orgulho, os lendários

interceptores da *Koramund*, que agora repousavam em suas bases de suporte brilhantes e resplandecentes como ele os deixara.

Seus dedos caíram pelo conduto da parede. Ele fechou os olhos. Seria um sonho? Ele limpou a mente e olhou mais uma vez.

Os interceptores estavam todos atracados com os cordões umbilicais ainda conectados, sem o menor sinal de avaria nos cascos.

Não fazia sentido nenhum. Os interceptores haviam sido destruídos; foi o que Tenzaal lhe dissera enquanto ele escalava o túnel de acesso. Mesmo que um ou dois tivessem se salvado e voltado para a transportadora, era impossível que tivessem sido devolvidos à condição em que estavam sem os recursos e os talentos da tripulação.

Sem *ele*.

Iaalu se arrastou até um dos interceptores, um que ele mesmo havia batizado como *N'rithaa*, a "pequena flecha". A palma de sua mão pousou sobre o canhão de plasma. O metal frio aplacou a queimadura.

Então ele viu os corpos atrás do canhão e descobriu que não estava sonhando.

Ele não suportava encarar seus rostos, mas conseguia reconhecê-los mesmo assim. Yaiino, Wotarra e Palmet, os engenheiros juniores que serviram sob suas ordens com a maior competência e dedicação. E Sacopo, o barulhento e tempestuoso Sacopo, um século mais velho que Iaalu, prestes a ser promovido a terceiro engenheiro quando se desentendeu com Tenzaal. Seu corpo rechonchudo pendia da plataforma de lançamento com os cordões nervosos enrolados feito vermes em seus pés. Em seu crânio, uma fenda cauterizada.

Iaalu se virou para encarar os outros corpos, os rostos que evitara ver. Todos tinham ferimentos parecidos — buracos cauterizados no crânio. Sem sangue.

Os zergs não eram tão limpos. Essa era a precisão de um lâmina psi.

Ele examinou o hangar mais uma vez e se arrependeu de ter deixado as luzes do capacete ligadas. O facho iluminou três criaturas serpentinadas deslizando para fora do túnel do qual ele tinha acabado de sair. As hidraliscas se agitaram quando o viram, abrindo as carapaças para atirar espinhos envenenados.

Iaalu desligou a luz e se protegeu atrás do *N'rithaa*. Espinhos voaram acima de sua cabeça e perfuraram o casco de outro interceptor.

Ele não poderia se esconder atrás do *N'rithaa* por muito tempo. Mas, no estado em que estava, mal podia andar, quanto menos correr. As ferramentas mais úteis em batalha, as chaves psi, estavam penduradas na outra parede, do outro lado do hangar. Mesmo se conseguisse pegar uma, nem com a ajuda do Vazio ele conseguiria eletrocutar as três hidraliscas. Tinha que encontrar uma arma mais potente, ou seria seu fim.

O *N'rithaa*. Lá estava ele, esperando a ferrugem. O metal frio implorava para ser aquecido.

Iaalu arrancou os cordões umbilicais e puxou uma trava de emergência abaixo do interceptor. Apesar de não poder decolar sem ordens diretas da ponte da *Koramund*, os canhões do *N'rithaa* estavam operacionais graças ao circuito independente de controle de fogo instalado por ele. A habilidade deste interceptor de continuar disparando mesmo que o inimigo obstruísse o sinal de comando ou destruísse seu cérebro robótico era o motivo por que fora batizado "pequena flecha".

Quando as hidraliscas convergiram para o interceptor, os sensores de mira do *N'rithaa* convergiram nelas. Iaalu se arrastou para fora do hangar ouvindo os berros e guinchos de zergs engolfados em plasma.

O conduto guiou Iaalu pela espinha central da transportadora rumo a um par de portas do qual jamais ousara se aproximar. Elas eram feitas das árvores kwai-leh do velho Aiur, uma mercadoria rara e preciosíssima desde a queda do planeta. Entalhes de cenas pastorais decoravam a madeira, reminiscências de tempos mais felizes, mais simples, anteriores à longa guerra. Não havia trinco nem fechadura, e as portas impediam a entrada de qualquer um que não soubesse o comando mental para abri-las.

Eram as portas dos aposentos da pretora Quordas. Quando ele se aproximou, elas se abriram.

Iaalu sabia que, como khalai, não tinha permissão para cruzar o limiar. Mas era lá que o pulso se originava. Ele sentia a corrente além do umbral, lá dentro, onde...

Ele se deparou com uma cena que não imaginaria nem em mil rotações.

Duas protoss cambalearam até as portas, travadas num abraço intenso. Uma era Tenzaal, cuja morte ele podia jurar ter ouvido no Khala, e a outra era...

Pretora Quordas?

Iaalu vacilou enquanto se afastava. Não era um abraço. Era um combate feroz, e Tenzaal vencia. Assim que ela ativou a lâmina psi, a luz confirmou o que ele não conseguira sentir no Khala: sua oponente era mesmo Quordas, a venerável comandante da *Koramund*, apesar dos talhos que desfiguravam seu semblante outrora majestoso e dos fragmentos de ossos que expunham os pontos onde antes havia longos e belos cordões nervosos.

— Tenzaal, o que você... — Iaalu mal podia pensar, com a mente congelada em descrença.

— *Khalai idiota! Você vai desejar ter morrido* — gritou Tenzaal, enterrando a lâmina psi no abdome da pretora.

Os olhos de Quordas saltaram e sua pele escureceu, enquanto a lâmina psi absorvia

sua luz interior. Ela não gritou quando caiu. A perda dos cordões nervosos significava que sua morte fora emudecida no Khala, poupando-o do grito enlouquecedor que certamente teria ecoado.

Mas ele não foi poupado do choque. Esse assassinato era incompreensível. Tenzaal era uma templária, uma das tenentes de confiança de Quordas, a caminho de se tornar pretora um dia.

Tenzaal era uma traidora.

— Por favor, khalai, basta de pensamentos ignorantes. — Ela apontou a lâmina psi em sua direção. — Ajoelhe-se diante de mim e eu lhe darei um fim sem dor.

Um silvo súbito e áspero atrás dele facilitou a decisão de Iaalu.

Ele saltou para dentro dos aposentos da pretora, feliz pela existência dos zergs pela primeira vez. Espinhos cortaram o ar acima dele e penetraram a carne de Tenzaal. Ao contrário de Quordas, seu grito ecoou alto no Khala.

Ao contrário de Quordas, ele estava viva.

Estremecido pela agitação no Khala, Iaalu ficou pasmo com a armadura de Tenzaal, que se dobrou, mas resistiu, endurecida pela força psiônica da templária. Com um único giro, ela repeliu os espinhos. Ativando sua segunda lâmina psi, Tenzaal se virou para a hidralisca marcada pelo plasma na soleira. Provavelmente os canhões do interceptor não foram suficientes.

— Maldita. Mandei seus irmãos para morrer na floresta.

As placas da carapaça da hidralisca se abriram para disparar outra vez. Tenzaal saltou na direção da saraivada. Com golpes velozes, ela desviou ou destruiu todos os espinhos, então pousou diante do monstro e decepou um dos braços falciformes.

Arrastando-se de volta para as sombras, Iaalu quase sentiu pena do zerg. Quase.

— Uhn dara ma'nakai.

Iaalu se deteve. Não fora ele quem mentalizara o mantra. Ele veio de outra mente.

— Uhn dara ma'nakai.

A pretora Quordas o encarava. Uma luz tênue tremeluzia em seus olhos, refletindo o brilho do amuleto de cristal em sua mão, usado para projetar seus pensamentos.

Iaalu sabia que membros eminentes da casta dos templários carregavam amuletos, lentes para suas psiques. Os amuletos continham cristais khaydarin raros e deslumbrantes, artefatos dos antigos xel'naga e emblemas dignos da posição dos templários. O cristal khaydarin de Quordas era minúsculo — pequeno, alongado, irregular e turvo; nada de especial para ser usado num pingente, ou mesmo arrancado da jazida. E ainda assim ele não conseguia desviar os olhos. Mesmo debilmente, o brilho do khaydarin pulsava com uma cadência que Iaalu conhecia muito bem — a mesma que fluía pelos condutos e o guiara pelos corredores.

Este cristal pobre e imemorável devia ser a força da transportadora. Quordas tinha nas mãos o coração da *Koramund*.

— Uhn dara... ma'nakai. — A mente da comandante sussurrou para ele, e os olhos dela se cobriram de sombras. A morte relaxou seus dedos. O amuleto caiu no chão e rolou na direção de Iaalu.

— Toque nesse cristal e sua morte ainda o assombrará na próxima vida. — De pé sobre o corpo da hidralisca, Tenzaal lançou-lhe um olhar enquanto enterrava as lâminas psi no crânio da criatura pela última vez.

Iaalu devolveu o olhar sem medo. A verdade era que ela não poderia fazê-lo sofrer mais do que já sofrera.

Ele esticou a mão para pegar o amuleto.

Tenzaal voou da carcaça em sua direção. Propelida pela energia da armadura e impulsionada pela habilidade psiônica, ela percorreu o espaço na velocidade do pensamento.

Quando pousou, ele não estava mais lá.

O cristal khaydarin lhe deu sustento. Deu-lhe força. Deu-lhe velocidade. Ele o fazia se sentir... *iluminado*.

Num piscar de olhos, ele atravessou a escotilha de acesso ao motor e chegou à junção do túnel, usando o brilho do amuleto para observar...

Uma floresta.

As pontas dos cones das baleh germinaram e floresceram sem água nem luz solar. Os galhos cruzavam o túnel em todas as direções, com a folhagem tão espessa que era impossível ver o centro de transmissão abaixo. Ele mal conseguiu encontrar a escada.

Vou matar você Vou matar você Vou matar você

Os pensamentos de Tenzaal seguiam seu rastro, cruéis o suficiente para quase cumprir a promessa. Ela se aproximava. Iaalu desceu rapidamente pela escada.

Antes que pudesse ir longe, um galho atingiu seus cordões nervosos com a força de um tijolo. Ele o afastou, mas raízes agarraram suas pernas, enquanto outro galho abria a folhagem como uma garra, puxando-o pelo braço para afastá-lo da escada.

O khalai estava pendurado no ar, um prisioneiro das baleh. Mais galhos estenderam garras folhosas em sua direção — na direção de suas mãos.

Eles queriam o cristal khaydarin.

Ele resistia, e as raízes apertavam cada vez mais forte. Uma seiva repulsiva escorria de cavidades na casca. Algumas gotas caíram sobre seu peito e queimaram como... *sangue de mutalisca?*

Os zergs devem ter se infiltrado no genoma baleh e causado uma transmutação. Por mais descerebrados que fossem, eles sabiam o que era o cristal. Eles sabiam do que um cristal khaydarin era capaz.

Iaalu segurava o amuleto com as duas mãos. Os zergs teriam que despedaçá-lo para tomá-lo.

Matar matar matar...

Tenzaal avançou violentamente pela escada, abrindo caminho com as lâminas psi. Os galhos e raízes se encolheram para não serem decepados. Subitamente Iaalu estava livre.

E caindo. Na direção do centro de transmissão. Ele conseguiu ver quando a folhagem das baleh recuou.

— Não, você não vai.

Tenzaal agarrou seu pé e o atirou contra a parede. A força do golpe emitiu um ruído seco, e ele deslizou até o fundo.

Ele deveria ter morrido com o impacto. Qualquer khalai teria morrido. Mas nas últimas horas, ou dias, Iaalu sobrevivera a coisas piores. Muito piores. E se havia aprendido algo, fora a aguentar pancadas. A ajuda do cristal era dispensável nesse quesito.

Ele se levantou e cambaleou até o centro de transmissão. Os oito cabos e a linha principal do conduto de energia já estavam em suas mãos quando Tenzaal pousou do outro

lado da sala.

Seu olhar era feroz, as lâminas psi zumbiam, mas ela não atacou. Em vez disso, íons livres começaram a se reunir ao seu redor. Ela estava evocando um poder que só os templários possuíam — uma tempestade psiônica capaz de aniquilar não só Iaalu, mas também o motor e grande parte da transportadora.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou ele, tentando atrasá-la enquanto acoplava a matriz o mais rápido que podia. Apesar de áspero e irregular, o cristal khaydarin se ajustou aos cabos como se essa fosse sua finalidade. — As trevas a possuíram?

— Uma templária das trevas? Meus cordões parecem cortados para você? — A nuvem à volta dela brilhava, energizada. — Não, khalai, você não sente minha mente porque eu a bloqueei da sua, muito mais fraca. Mas não faz mais sentido despender energia com esse esforço. Tome. Dê uma olhada.

Tenzaal liberou uma torrente de pensamentos que invadiu a mente dele e o fez estremecer. Ela não escondeu nada, revelando cada detalhe de sua traição; a descoberta do enxame zerg em Vanass, o pedido de socorro falso, a passagem para o motor deixada propositalmente aberta, as mortes protoss causadas por suas mãos. Elos de uma corrente que se estendia em direção a um fim incisivo — a ponta de uma adaga, voltada direto para o coração da coisa que Iaalu mais amava.

— Você... você quer destruir a *Koramund*.

A energia psiônica agora rodopiava em volta de seus membros. Em alguns instantes, ela teria poder suficiente para matá-lo com uma rajada mental.

— Estes são novos tempos de guerra, khalai. A *Koramund* e as outras transportadoras da classe são relíquias de um passado de fraqueza. Elas são ineficientes, jamantas desarmadas exaurindo recursos importantes da frota, expondo bons templários a um risco desnecessário. Os zergs lutaram com nossas transportadores tantas vezes que

memorizaram a distribuição interna de cada uma, suas fraquezas, suas frestas. Nossa perda em Vanass, como muitas de nossas derrotas recentes, provam que o conhecimento que os zergs têm das naves se tornou quase instintivo; ele está em seus genes.

— Por isso você ia permitir que eles a destruíssem?

— Porque nosso povo se recusa a fazê-lo, khalai! E a nostalgia está nos custando a guerra. Tempo precioso é consumido celebrando o passado, quando ele deveria estar construindo o futuro. Se não podem abandonar esses monstros velhos e desajeitados, alguém precisa cortar esse cordão por eles.

Iaalu quase se atrapalhou com o acoplamento do sétimo cabo. Ele tentava entender. Havia verdade na loucura de Tenzaal? Será que ele e outros protoss estavam permitindo que sentimentos pela *Koramund* e seu legado os impedissem de pensar racionalmente, de fazer o que era preciso para vencer a guerra?

O último cabo de transmissão se fixou ao cristal, atraído como um ímã. Mas Iaalu os manteve separados.

— Se era esse seu propósito, por que você me mandou consertar os motores? — perguntou.

— Eu precisava de você longe dos interceptores. Suspeitava que você tivesse implementado elementos que poderiam arruinar meu plano. Não achei que você fosse conseguir consertar a nave e salvá-la. Você tornou meu trabalho muito mais difícil, khalai.

— E você matou minha equipe.

— Um mal necessário. — Ela pensava com convicção. Não havia uma gota sequer de arrependimento. A energia dançava em volta de seu corpo, mas seus olhos eram só escuridão.

Não era preciso ser um templário para saber que *maus necessários* não eram o

caminho de Khas.

A pretora Quordas, Yaiino, Wotarra, Palmet, Sacopo e o resto da equipe serviram com dignidade por todas as suas carreiras. Eles mereciam algo melhor.

— Você é uma assassina.

A mente da templária estava em êxtase. Íons volteavam Tenzaal, seus membros, seu corpo, seus cordões nervosos. — Quando a guerra estiver terminada, os preservadores me verão como uma salvadora.

Ela estendeu o braço na direção de Iaalu, e ele sentiu a força da procela que se formava como um vácuo prestes a sugar sua luz. Ele apertou o amuleto da pretora contra o peito.

Uhn dara ma'nakai.

Usando toda a sua força, ele pressionou o conduto principal contra o centro do cristal. Se funcionasse, a explosão de luz ligaria os motores, arrancaria a *Koramund* de Vanass e transformaria os dois, ele e Tenzaal, em pó de estrelas.

Nada aconteceu.

Tenzaal gargalhou. — Khalai cego e patético. Você achou que eu deixaria você ligar os motores? Não está vendo o cristal?

O cristal khaydarin estava escuro. Sem pulso. Morto.

— Esta nave não pode mais voar. A *Koramund* é velha; ela está cansada, e sua força, morta. — Um ciclone de energia rodopiava ao redor de Tenzaal, e seus olhos ardentes eram o único sinal de inteligência. — Ela nunca mais verá as estrelas.

Com um rugido furioso, Tenzaal liberou a tempestade. Iaalu aguentou firme e orou

pela bênção prometida por Khas.

Havia apenas escuridão.

— *O que você... fez?*

Não era ele quem pensava. A voz em sua mente era estridente, irritante.

Iaalu teve que apertar os olhos, ofuscados por uma luz brilhante. Era linda, do tipo que iluminava a vida dos protoss e se renovava a cada nascimento. E forte, tão forte que iluminava todo o túnel com seu brilho. Ela emanava dos cabos de transmissão e se espalhava pelas artérias entrelaçadas às paredes. Os sensores piscaram. As várias linhas de purga exalaram força. O túnel zumbiu. A luz era mais que luz. Era energia.

Os motores da *Koramund* estavam se aquecendo.

O cristal. O cristal khaydarin. Que maravilha era essa coisa feia, minúscula, grosseira. Ele deve ter absorvido a energia psiônica da tempestade para reacender seu próprio poder. Apesar de impedir a visão, a luz que irradiava do cristal palpitava em seu peito, suas mãos, vivificando-se. O pulso crescia como um coração despertando de um longo sono.

— Khalai idiota... Você nos condenou.

Em meio à luz, a sombra de Tenzaal caiu de joelhos. As lâminas psi crepitavam. A armadura que portava se partia. Sua pele se rachava. Ela gritava, mas seus gritos ecoavam como se estivessem em outra galáxia, enquanto a mente de Iaalu permanecia limpa. Abençoadamente limpa.

Ele tentou chegar até ela. Afinal, quem era ele para julgar? Por mais que houvesse causado o mal, ela sentia dor. Ela era como ele. Protoss. Em busca de luz. Ele poderia lhe dar luz.

— Saia. — Tenzaal cobriu os olhos, protegendo-os da luz que Iaalu emanava como se fosse uma ameaça à sua existência. Em vez de segurar a mão do khalai, ela permitiu que sua carne murchasse, que as lâminas psi morressem, e seu corpo lentamente se dissipou em escuridão.

Nem com toda a luz poderia salvá-la. Esta guerra não lançava os protoss apenas contra zergs e terranos. Ela lançava os protoss uns contra os outros.

As cinzas de Tenzaal caíram sobre uma pilha de fragmentos cristalinos. Ele quase não os notou, pois não refletiam luz. Mas conhecia aquela forma alongada tão bem quanto a sua própria. Os estilhaços do cristal khaydarin. Agora negros, opacos, drenados da translucidez.

As mãos do khalai repousaram novamente sobre o peito. Os transmissores transbordavam de luz, energia, mas não havia amuleto no meio. Havia apenas...

Seus corações.

Seus corações batiam no ritmo do pulso. Talvez *eles* fossem o pulso que ele sentira todo o tempo.

Enquanto um novo ciclo de vida o abençoava, a luz revelou que ele, Iaalu, nascido na tribo Furinax do Monte Shrekar, terceiro engenheiro da transportadora *Koramun*, ele era a força.

Uhn dara ma'nakai.

Koramund — os protoss batizaram a transportadora de a "grande maravilha" de sua classe, e era isso que ela era. Uma grande maravilha que decolou de Vanass sem comandante nem tripulação. Seu casco brilhante, seus motores ardentes e seu coração carregavam as memórias do velho Aiur de volta para as estrelas.

